



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

CLIPPING

CLIPPING ELETRÔNICO
<http://www.sed.rct-sc.br/clipping>

Recortes de notícias sobre educação

A MATEMÁTICA DO ATRASO

Senhores Diretores, Gerentes e Assessores,

Comuniquem à Assessoria de Comunicação, com a devida antecedência, projetos, eventos e ações que mereçam divulgação pública.

Leiam as notícias da Secretaria de Estado da Educação, acessando ao site www.sed.sc.gov.br

e clicando em **IMPRENSA**

Acompanhem também o site do governo: www.sc.gov.br

Data: 4, 5 E 6/12/2010



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Reportagem Especial	Data: 5/12/10
Assunto: A matemática do atraso		Página: 28

A MATEMÁTICA DO ATRASO

Levantamento divulgado esta semana pela ONG Todos pela Educação revela um quadro dramático na aprendizagem de matemática nos ensinos fundamental e médio no país. De acordo com o estudo, mais de 85% dos estudantes do nono ano do fundamental e 89% dos alunos do terceiro ano do médio foram reprovados nesta disciplina essencial para a formação de cidadãos capacitados a lidar com números e com operações simples da linguagem matemática. Também não são animadores os resultados de língua portuguesa, considerados a partir da pontuação dos alunos no Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) do Ministério da Educação. Mas o fracasso coletivo no aprendizado de matemática revela, claramente, que a escola e os professores não estão conseguindo ensinar satisfatoriamente os conteúdos desta disciplina aos estudantes.

Entre as consequências do baixo nível de aprendizagem em matemática estão os altos índices de reprovação e evasão escolar nos cursos superiores da área de ciências exatas. Como muitos alunos não conseguem ir adiante e desistem, o país acaba formando menos profissionais do que seria desejável em atividades como a engenharia, por exemplo. Além disso, há total escassez de bons professores de matemática e de outras disciplinas que trabalham com números e fórmulas, como a física e a química.

Consultada sobre esta mazela do ensino nacional, a educadora Esther Grossi, mestre em Matemática pela Sorbonne de Paris, não hesita em afirmar que a escola está ensinando errado e que os professores, em geral, não sabem como ensinar. “Não é que lhes falte vontade e dedicação. Falta-lhes conhecimento”, esclarece. É um círculo vicioso: como a carreira do magistério tornou-se pouco atraente porque os professores são pouco valorizados e ganham mal, o curso de Pedagogia atrai alunos que, muitas vezes, não se consideram habilitados para vestibulares mais difíceis. Muitos deles chegam ao ensino superior sem saber matemática e, só então, passam a ter contato com a metodologia de ensino da matéria. Claro que há exceções, mas a regra tem sido esta.

No fim das contas, estoura no aluno, como mostra o estudo da ONG Todos pela Educação, que tem por meta fazer com que 70% dos estudantes brasileiros cheguem a 2022, ano do bicentenário da Independência, dominando conteúdos adequados ao seu estágio escolar. Infelizmente, por falta de professores e escolas capacitados, continuamos distantes do objetivo traçado. Mas a responsabilidade maior não é dos mestres, nem dos estabelecimentos de ensino. A culpa desse verdadeiro desastre educacional deve ser debitada aos sucessivos governos, que, por negligência e falta de visão, vêm subtraindo o direito dos jovens brasileiros de receber formação compatível com suas idades.



O editorial acima foi publicado antecipadamente no site do Diário Catarinense. Os demais comentários de leitores sobre a opinião desta página estão no endereço eletrônico diario.com.br

O leitor concorda

Faço parte dessa percentagem de alunos que sofreu por conta da deficiência no ensino da matemática. O fato é que carrego, até hoje, as consequências dessa experiência. Desde os sete anos, a matemática foi o carrasco dos meus boletins e a decepção dos meus pais. Ainda que fizesse, semanalmente, aulas de apoio pedagógico (que são pagas por fora e caríssimas), não conseguia superar esse problema, o que me trouxe uma imensa frustração. Ainda que em todas as outras matérias eu tirasse notas boas, as que me exigiam conhecimentos matemáticos arrebataavam o meu ano escolar. Como se não bastasse, acabei me prejudicando no desempenho das outras matérias de exatas, como química e física. Isto influenciou até na escolha da minha formação profissional. Faço o curso de Direito.

Débora Hazim Schweidson
Florianópolis

Talvez, depois das avaliações nacionais e por nível escolar, o grande passo para melhorar, estrategicamente, a qualidade do ensino fosse investir no aprendizado de matemática. Essa falência no trato com os números não é só uma questão de índole, mas um relaxamento geral que se instalou e que, como aponta a educadora Esther Grossi, pode ser debelado a partir de uma atenção especial para essa área de ensino. Os benefícios, seguramente, irão se refletir em todo o sistema, inclusive no aproveitamento para diversas outras áreas de conhecimento. Mas é imperativo lembrar ser preciso associar, o quanto antes, a exposição dos conteúdos da matemática aos objetivos práticos em que ela é empregada. Fugir do academicismo e da vaidade dos estudantes bem dotados.

José Silveira
Brasília (DF)

Realmente, é preocupante para nós, pais, que pagamos bons colégios para nossos filhos esperando que possam ter um melhor aprendizado, mas verificamos que, em uma sala de aula com 30 alunos, 27 são obrigados a fazer recuperação nas matérias de ciências exatas. Não que os professores não saibam a matéria, falta-lhes é didática para passar aos alunos. Muitas vezes o próprio conteúdo é insípido – por que não dizer? –, desnecessário e muito profundo para o aluno que ainda não sabe qual a faculdade que irá cursar. Tenho duas filhas no ensino médio e vejo o quanto estudam, mesmo não sabendo onde vão aplicar tais assuntos em suas vidas futuras. Sou a favor de que haja uma reforma urgente do ensino no Brasil para corrigir deficiências desse tipo.

Maria da Graça Prim
Palhoça



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Informe Econômico	Data: 4/12/10
Assunto: Servidores terão quase R\$ 1 bilhão		Página: 17

Servidores terão quase R\$ 1 bilhão

O governador Leonel Pavan disse, ontem, que a transição será tranquila no Estado no aspecto financeiro. Raimundo Colombo vai receber o governo com valores expressivos no cofre e salários antecipados. Conforme Pavan, somente neste mês o governo vai pagar quase R\$ 1 bilhão aos servidores, incluindo o 13º salário, nos dias 9 e 10, e a antecipação do salário de janeiro, nos dias 15 e 16.

Além disso, ele afirmou que os recursos para investimentos previstos no orçamento do ano que vem somarão R\$ 4,5 bilhões considerando todas as áreas que desenvolverão obras.

– Vamos entregar o governo com muitas obras, muitos investimentos. Temos que inaugurar, ainda, mais cem escolas entre novas unidades e reformas. Estou trabalhando muito para fazer quatro a cinco inaugurações por dia, mas uma parte vai ficar para o ano que vem – disse o governador.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 6/12/10
Assunto: Hoje será divulgado gabarito da Acafe		Página: 27

Hoje será divulgado gabarito da Acafe

Os gabaritos do Vestibular Acafe 2011 devem ser divulgados hoje, às 10h, no site da instituição, www.afe.org.br. As provas foram aplicadas ontem à tarde para mais de 26 mil estudantes em Santa Catarina. De acordo com a coordenadora de concursos da Acafe, Lucinara Marin, não foram registrados incidentes no concurso. Este ano, são oferecidas 13.470 vagas em 351 cursos de 14 instituições participantes.

A lista com o resultado final do vestibular sairá no dia 13 de dezembro, através do portal da Acafe.

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Dia a dia	Data: 6/12/10
Assunto: Professores		Página: 34

Professores --

O resultado do concurso para o processo seletivo de professores temporários (ACT) da rede pública estadual já está disponível no site www.afe.org.br. A Secretaria de Estado da Educação prevê a contratação de mais de 6 mil profissionais na primeira chamada, no início de 2011.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 4/12/10
Assunto: Educação interditada		Página: 21

Educação interditada

Centro que atendia 400 alunos fechou devido à falta de manutenção e ao risco de acidentes

As mais de 400 crianças e adolescentes atendidos pelo Centro Educacional Dom Jayme Câmara, em Palhoça, mantido pelo governo do Estado, não poderão mais frequentar o local. A chuva levou à interdição, ontem, de todas as atividades.

Hão há previsão de quando as reformas vão começar. No local, o perigo aos alunos é constante: há lixo espalhado pelo chão, telhas quebradas e goteiras. De acordo com o coordenador da Defesa Civil, Nelson Paiva, o local não apresenta as mínimas condições de segurança.

– O teto está caindo, não existem extintores de incêndio, o mato tomou conta das calçadas. Enquanto não houver a reforma, não haverá atividades neste local – garante.

Segundo a gerente do centro, Carolina Carol Farias, nenhuma reforma é feita há 10 anos. Os funcionários estão com medo que a área seja loteada.

– Tenho medo disso virar loteamento popular. É o que dizem desde que a prefeitura entrou na negociação – lamenta um funcionário que não quis se identificar.

alessandra.toniazzo@horasc.com.br

ALESSANDRA TONIAZZO | Palhoça



CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Região	Data: 04 e 05/12/10
Assunto: Um vazio na amizade e educação		Página: 14

Um vazio na amizade e educação

Sem aulas. Centro Educacional Dom Jaime de Barros Câmara reabrirá somente após reforma

PALHOÇA — A pequena Rafaela Pinheiro, 10 anos, parecia não acreditar que as salas de aula estavam realmente fechadas. Ela e o primo Jarci frequentavam o Centro Educacional Dom Jayme de Barros Câmara, em Palhoça, para praticar esportes, assistir filmes e receber reforço escolar. “Eu gostava muito de vir aqui. É ruim perder amigos que a gente conquista”, disse emocionada.

Tudo está fechado, depois que a Defesa Civil determinou a interdição devido aos estragos provocados pela chuva e o curto circuito em um disjuntor. O complexo oferece atendimento às crianças de baixa renda no contra turno escolar. Desde sua inauguração, em 1987, o local nunca recebeu uma

reforma geral.

O coordenador da Defesa Civil do município, Nelson Paiva, afirmou que enquanto não forem realizadas reformas, as 11 casas não poderão voltar a funcionar. Segundo Paiva, até cogumelos tóxicos foram encontrados dentro de três casas. “Antes interditar todo o complexo, que morrer uma criança”, ressalta.

A insalubridade e a falta de reformas periódicas do complexo são visíveis. O mato, em alguns locais, já ultrapassou um metro de altura, os telhados estão caindo, as paredes estão mofadas, as por-

tas quebradas e os pisos estão soltando. Também não há mangueira para prevenções de incêndio e o parquinho está inutilizável. “Esta é a segunda interdição em 2010. Em maio, a primeira parte do complexo foi fechada e seis meses depois o restante das casas”, recorda.



CHUVA

Goteiras provocaram curto circuito na rede elétrica do centro educacional

Mais de 400 alunos prejudicados

A diretora do complexo, Carolina de Farias, diz que há cinco anos o local não recebe nenhuma intervenção. Segundo ela, com as chuvas de 2008 a situação da instituição só piorou. “Solicitamos reforma, mas os recursos nunca são liberados. Até mesmo valores irrisórios, como R\$ 690 que pedimos uma vez, não foram disponibilizados”, critica.

Sem funcionários para manutenção do espaço, que tem 89 mil metros quadrados, equivalente a 11 campos de futebol, deixa de atender 440 crianças. “Ano passado, 550 crianças eram atendidas. Em 2008, eram 790. Se não reformar, ano que vem não vai atender nenhuma”, avisa Carolina. Conforme ela, as crianças vêm de famílias carentes e muitas só se alimentam durante a permanência no complexo.

A Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho e Habitação, por meio da assessoria de imprensa, informou que uma equipe visitou o local para verificar o que aconteceu e que todas as providências estão sendo tomadas. O secretário Derli Rodrigues está em Brasília cumprindo agenda oficial e na segunda-feira estará em Florianópolis.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Reportagem Especial	Data: 5/12/10
Assunto: Crianças de Floripa - Uma em cada cinco na pobreza		Página: 4 e 5

Uma em cada cinco na pobreza

Tão perto e tão diferente. Esta é a realidade das crianças e dos adolescentes que vivem na Capital. Na mesma cidade que tem uma população com renda elevada, uma em cada cinco crianças vive em condições de pobreza. Na mesma população onde 28% têm entre zero e 19 anos, encontram-se 25 mil crianças e adolescentes em risco social. Muitos sequer atingem a maioridade. Morrem por causas ligadas ao tráfico de drogas. Como os 41 assassinados entre 2007 e 2009, e que, segundo a Secretaria Estadual de Segurança Pública, tinham entre 12 e 17 anos.

Florianópolis cuida bem de nossas crianças e adolescentes? Esta é a pergunta feita por pesquisadores do Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICom) e que o relatório Sinais Vitais tenta responder. O documento será apresentado nesta segunda-feira e mostra um retrato da realidade da população da Capital, de zero a 19 anos.

Estes são alguns dos itens do relatório Sinais Vitais, que será apresentado às 16h desta segunda-feira no auditório da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Rua Trajano, Centro da cidade. Trata-se do primeiro diagnóstico específico sobre a realidade de crianças e dos adolescentes em Florianópolis.

Durante os últimos meses, pesquisadores do Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICom) colheram dados, entrevistaram especialistas e visitaram programas de atendimento. Uma comissão técnica formada por 20 organizadores analisou e interpretou dados para tentar responder as perguntas: “Nossa cidade cuida bem de suas crianças e adolescentes? Como podemos fazer para cuidar melhor?”.

Um dos objetivos é apresentar ao gestor público um diagnóstico da situação. É também uma resposta a um argumento comum quando políticas públicas são cobradas: de que não existem subsídios para um trabalho maior. O relatório resulta do cruzamento de dados apresentados em pesquisas como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisas Aplicadas (Ipea), ministérios, secretarias municipais, estaduais, ONGs.

– O relatório não tem caráter de cobrança, mas o de oferecer um instrumento que possibilite ao gestor público e à comunidade um olhar sobre a realidade
– explica Lúcia Vieira Dellagnelo, coordenadora do ICom.

Além de apresentar os dados, o Sinais Vitais trabalha com duas problemáticas: os pontos positivos e os pontos desafiadores. O primeiro trata do que foi diagnosticado. O segundo propõe uma reação.



Um dos exemplos é o que trata do mapa dos serviços para crianças e adolescentes. Foi diagnosticado que a maioria concentra-se na região central e na parte continental. O Norte e o Sul, onde estão localizadas algumas das comunidades mais pobres da cidade, oferecem poucas opções de atendimento.

São elencados como pontos positivos a ampla oferta de serviços (47 programas governamentais e 102 não governamentais), diversidade de organizações envolvidas e parcerias entre poder público e ONGs. Os pontos desafiadores são a concentração dos serviços nas áreas continental e central e a baixa complementariedade na abrangência e ações na área de assistência social, saúde e educação.

– Esperamos que a Câmara de Vereadores e mesmo o Executivo se sensibilizem com os dados apresentados. A gente não considera que o relatório esteja colocando o dedo na ferida, mas mostrando, também, que existem coisas boas que estão sendo feitas no âmbito municipal – afirma o secretário municipal da Assistência Social, Hélio de Abreu.

Ele cita como um dos avanços na política de proteção à infância o protocolo para atendimento das vítimas da violência sexual:

– Antes, a vítima contava a mesma situação várias vezes para diferentes pessoas. Hoje, isso ocorre uma única vez e todos os procedimentos, sejam do ponto de vista médico, psicológico, social são realizados sem a necessidade da exposição da criança.

angela.bastos@diario.com.br

ÂNGELA BASTOS



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Reportagem Especial	Data: 5/12/10
Assunto: Crianças de Floripa - Uma em cada cinco na pobreza		Página: 4 e 5

Direitos não são garantidos

Os indicadores mais utilizados para avaliar a qualidade de vida de uma criança estão relacionados aos vínculos e à condição socioeconômica de sua família. O Sinais Vitais mostra que os indicadores econômicos em Florianópolis são relativamente bons quando comparados em nível estadual e nacional. A renda per capita de Florianópolis, conforme o IBGE de 2007, é de R\$ 17.907. Já SC, no mesmo período, é de R\$ 13.712. A per capita do país é de R\$ 14.465. Ao mesmo tempo, o índice de desenvolvimento familiar de Florianópolis (0,64) é mais alto do que o de Santa Catarina (0,59) e do Brasil (0,55).

O fato disso não se caracterizar como uma situação de plena garantia dos direitos à infância está na desigualdade social da população. Enquanto um percentual menor vive em áreas mais ricas e servidas com serviços de educação, saúde, lazer, outro grande número está em 65 áreas denominadas como de interesse social. Nestes locais, as moradias e a infraestrutura são precárias.

Em lugares como a Vila Aparecida, no Continente, e o Morro da Caixa, no Centro, respectivamente 63% e 52% dos moradores – não existem sequer dados municipais numéricos sobre a quantidade de moradores – meninos e meninas estão em condições de pobreza que geram vulnerabilidade social.

Moradores da Vila Aparecida, os amigos Vitor e Kelvi, sete anos, reclamam que falta um campo de futebol para jogar e uma pista para andar de bicicleta:

– Já veio gente aqui dizer que ia fazer um campinho, marcar a área e colocar redes. Mas nunca fazem. Nossa brincadeira é soltar pipas – conta Vitor.

Com dificuldade de transporte ou mesmo de alguém para acompanhá-las até ciclovias, pistas de skate ou quadras esportivas; as crianças e os adolescentes tendem a ficar em suas comunidades. Muitas vezes, os espaços das brincadeiras são ocupados, também, por pessoas envolvidas com crimes, o que as torna ainda mais vulneráveis.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Reportagem Especial	Data: 5/12/10
Assunto: Crianças de Floripa - Uma em cada cinco na pobreza		Página: 4 e 5

Educação é ponto positivo

A educação é ponto de destaque no relatório. O aumento de matrículas na educação infantil é um bom sinal, assim como melhorias nas creches. Recentemente, a unidade do Jardim Atlântico teve um investimento de R\$ 400 mil. Passou por uma obra que compreendeu a construção de mais uma sala de aula, a troca do telhado, recuperação de seis salas, banheiros, refeitório, salas da direção e de professores, estruturação da cozinha e área de serviço, colocação de pastilhas e pintura geral do prédio.

Localizada na área continental, atende a 122 crianças de zero a cinco anos. Tudo de graça. A instituição funciona das 7h às 19h, e as crianças recebem quatro refeições ao dia. Muitas vão para casa de banho tomado.

– Estamos localizados em um bairro onde as pessoas trabalham e a creche deixa os pais tranquilos com relação aos filhos – observa a diretora Márcia Maria da Silva Knoblauch.

Atualmente, estão matriculados 63 mil alunos nas redes municipal, estadual e federal. Entre eles estão 579 educandos com necessidades especiais, atendidos em escolas regulares e instituições especializadas. Entre 2004 e 2010, houve uma ampliação de 5,2% de matrículas no ensino fundamental e 34% nas matrículas em creche e educação infantil. Isso significa que foram abertas na educação infantil vagas para quase 2,4 mil crianças, sendo 66% em período integral. Segundo o relatório, a necessidade de creches permanece nas regiões de maior vulnerabilidade.

Outro dado positivo é com relação à taxa de mortalidade infantil, que vem caindo nos últimos 10 anos. Em 2009, o índice foi de nove óbitos por mil nascidos. Em Santa Catarina, a taxa média é de 11 óbitos, e no Brasil, de 16 para cada mil nascimentos.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 5/12/10
Assunto: Dinheiro, só se tiver biblioteca		Página: 50

Dinheiro, só se tiver biblioteca

Portaria do MinC é para garantir que as que são abertas se mantenham em funcionamento

Desde sexta-feira, todos os municípios do país somente recebem recursos do Ministério da Cultura (MinC) se tiverem bibliotecas públicas em pleno funcionamento. A condição está prevista em portaria publicada no Diário Oficial da União.

As bibliotecas devem ser administradas pela própria prefeitura. Outros espaços existentes em escolas ou de iniciativa filantrópica não são considerados. O ministério diz que há cidades que, embora tenham recebido da União livros, mobiliário e outros materiais, não promoveram a inauguração de suas bibliotecas.

Há casos, também, de bibliotecas que já foram inauguradas em algum momento, mas que depois acabaram fechadas ou que funcionam em poucos dias da semana.

O ministro da Cultura, Juca Ferreira, afirmou que a determinação não tem caráter punitivo. O objetivo da decisão, afirma, é estimular as prefeituras a manterem as bibliotecas abertas à população.

Censo aponta mais de 400 municípios sem biblioteca

O 1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, divulgado em abril deste ano, aponta que 420 municípios do país não tinham bibliotecas públicas em 2009. O levantamento, encomendado pelo MinC, foi realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Estado do Maranhão aparecia na liderança entre os que não tinham bibliotecas municipais, com 62 cidades nessa situação, seguido de São Paulo, com 51. Este é o levantamento mais atualizado sobre o assunto que está disponível.

O Ministério da Cultura planeja criar um canal de comentários e reclamações sobre o assunto dentro de um portal previsto para ser lançado ainda neste ano. O endereço na web ainda não foi definido.

Brasília



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 5/12/10
Assunto: Dinheiro, só se tiver biblioteca		Página: 50

Abrem, mas fecham logo

O problema não é exatamente a falta de bibliotecas. Segundo o próprio Ministério da Cultura, a dificuldade é mantê-las abertas.

– O Brasil já zerou o número de municípios sem bibliotecas duas vezes, mas elas acabam fechadas, porque os prefeitos não acham relevante pagar duas bibliotecárias e três funcionários – disse o ministro Juca Ferreira, na semana passada.

O presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Muniz Sodré, afirmou que só nos últimos quatro anos foram implantadas 1.856 bibliotecas em municípios brasileiros, cada uma com 2 mil livros, além de computador e programa específico.

Para este ano, além do Edital Mais Cultura de Apoio às Bibliotecas Públicas, estão previstos R\$ 21 milhões para a implantação de 420 bibliotecas e R\$ 8,5 milhões para modernização de 250 bibliotecas em cidades com até 20 mil habitantes.

Até o fim do ano serão investidos mais R\$ 14,3 milhões em equipamentos de grande porte e bibliotecas onde funcionam as coordenações estaduais do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP).

Entre as contempladas neste recurso está a Biblioteca Pública de Santa Catarina, que fica na Capital.



CLIPPING

Veículo: Nota 10 – Notícias de Educação	Editoria: Brasil	Data: 4/12/10
Assunto: Dados iniciais do MEC indicam 5,9 milhões no ensino superior		Página: Online

Dados iniciais do MEC indicam 5,9 milhões no ensino superior

As matrículas no ensino superior cresceram pouco mais de 3% entre 2008 e 2009, confirmando a tendência de estabilidade verificada nos últimos anos. É o que apontam dados preliminares do Censo da Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC). As informações completas ainda não foram divulgadas. Dos 5,95 milhões de alunos das instituições de ensino superior, 4,43 milhões estão na rede privada e 1,52 milhões nas públicas. Os números incluem estudantes de cursos presenciais e a distância.

De acordo com a Agência Brasil, os dados mostram que houve uma pequena queda no número de alunos da rede pública - cerca de 30 mil a menos. Em 2008 1,55 milhões estavam matriculados. A redução se deu nas universidades municipais e estaduais, já que na rede federal houve um acréscimo de 141 mil novos estudantes no período de um ano (em cursos presenciais e a distância).

Um balanço das ações divulgado pelo MEC mostra que houve um acréscimo de quase 60% no número de vagas oferecidas nas universidades federais entre 2003 e 2009. Esse crescimento ocorreu em função do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), lançado em 2007. A previsão do MEC é que em 2012 o total de vagas oferecidas por essas instituições chegue a 234 mil.

O levantamento da pasta ressalta ainda que de 2005 a 2010, 748.788 ex-alunos de escolas públicas tiveram acesso a uma bolsa do Programa Universidade para Todos (ProUni). Do total, 69% dos benefícios eram integrais – que custeiam 100% das mensalidades em faculdades privadas. Quase metade (47%) dos bolsistas eram afrodescendentes.



CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Geral	Data: 06/12/10
Assunto: EUA		Página: 10

SELECIONADA

EUA

A professora Josemara Schvinden de Oliveira participará do programa "Certificação nos Estados Unidos de Professores de Língua Inglesa".

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Geral	Data: 06/12/10
Assunto: Premiação		Página: 10

● Premiação

A aluna Paola Andrade Vieira, da 4ª série do ensino fundamental da Escola Otília da Silva Berti, do bairro Barranca, em Araranguá, viajou a Brasília na última semana para participar do cerimonial de entrega da premiação da etapa Nacional da Olimpíada de Língua Portuguesa.



CLIPPING

Veículo: O Estado de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 05/12/10
Assunto: Matrículas no ensino superior crescem 3% em um ano, indica MEC		Página: Online

Matrículas no ensino superior cresceram 3% em um ano, indica MEC

Dos 5,95 milhões de alunos das instituições de ensino superior, 4,43 milhões estão na rede privada e 1,52 milhões nas públicas

As matrículas no ensino superior cresceram pouco mais de 3% entre 2008 e 2009, confirmando a tendência de estabilidade verificada nos últimos anos. É o que apontam dados preliminares do Censo da Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC). As informações completas ainda não foram divulgadas. Dos 5,95 milhões de alunos das instituições de ensino superior, 4,43 milhões estão na rede privada e 1,52 milhões nas públicas. Os números incluem estudantes de cursos presenciais e a distância.

Os dados mostram que houve uma pequena queda no número de alunos da rede pública - cerca de 30 mil a menos. Em 2008 1,55 milhões estavam matriculados. A redução se deu nas universidades municipais e estaduais, já que na rede federal houve um acréscimo de 141 mil novos estudantes no período de um ano (em cursos presenciais e a distância).

Um balanço das ações divulgado pelo MEC mostra que houve um acréscimo de quase 60% no número de vagas oferecidas nas universidades federais entre 2003 e 2009. Esse crescimento ocorreu em função do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), lançado em 2007. A previsão do MEC é que em 2012 o total de vagas oferecidas por essas instituições chegue a 234 mil.

O levantamento da pasta ressalta ainda que de 2005 a 2010, 748.788 ex-alunos de escolas públicas tiveram acesso a uma bolsa do Programa Universidade para Todos (ProUni). Do total, 69% dos beneficiários eram integrais – que custeiam 100% das mensalidades em faculdades privadas. Quase metade (47%) dos bolsistas eram afrodescendentes.



CLIPPING

Veículo: Folha de SP	Editoria: Geral	Data: 5/12/10
Assunto: Revolução na educação pública		Página: A3

Revolução na educação pública

Apenas com o apoio da população poderemos cobrar da classe política as medidas imprescindíveis para atacar de frente esse grave problema

Sinceramente, não entendo por que mais pessoas não se sentem revoltadas diante das condições da educação pública neste país.

Somos uma nação em que cerca de 50% das crianças brasileiras da 5ª série são semianalfabetas. Dos 3,5 milhões de alunos que ingressam no ensino médio (antigo colegial), apenas 1,8 milhão se formam.

Como consequência, todos os anos nós jogamos milhões e milhões de adolescentes despreparados no mercado de trabalho, sem qualquer perspectiva de ascensão social e econômica.

Isso não lhe causa indignação?

Essas estatísticas refletem décadas -ou melhor, centenas de anos- de descaso com a educação.

Nós, brasileiros, políticos e sociedade civil, simplesmente não priorizamos a educação.

Com isso, impedimos que o país melhore a sua desigualdade social, reduza a violência ou mesmo consiga sustentar uma taxa de crescimento mais estável.

As estatísticas recentes demonstram que o sistema não apresentou uma melhora significativa nos últimos anos. Nesse ritmo, jamais atingiremos o nível de educação dos países desenvolvidos em 2022, como propõe o governo.

Mesmo porque trata-se de uma meta móvel: até lá, os demais países terão avançado substancialmente mais. Precisamos de uma verdadeira revolução na educação pública brasileira.

Os Estados Unidos a fizeram em 1870, ou seja, há 140 anos! Em uma década, dobraram o investimento na educação pública e universalizaram o ensino. Em 1910, todas as crianças tinham acesso a uma escola de período semi-integral.

Outro exemplo conhecido é o da Coreia. Na década de 70, iniciaram uma verdadeira revolução na qualidade da educação pública. Com isso, saíram de um PIB per capita abaixo do brasileiro para um dos mais altos do mundo em menos de duas gerações.

O modelo mais recente é o chinês. Muito se fala nos investimentos em infraestrutura, mas pouco se divulga o enorme esforço educacional chinês, do ensino primário aos cursos de doutorado.

Mas o que podemos fazer? Primeiro, conscientizar a população em geral para o verdadeiro desastre que é nossa educação pública. Apenas com o apoio da população poderemos cobrar da classe política as medidas revolucionárias (já amplamente conhecidas dos experts em educação) imprescindíveis para atacar de frente o problema.

Em segundo lugar, envolva-se pessoalmente. Educação pública é uma questão por demais relevante para se deixar apenas na mão do Estado. Há inúmeras ONGs de excelência que contribuem para a melhoria do quadro educacional brasileiro (por exemplo, o Instituto Ayrton Senna, a Fundação Bradesco ou mesmo a nossa Parceiros da Educação, para nomear algumas). Participe delas, como voluntário ou mantenedor. Quanto mais envolvido com a realidade da educação pública, mais consciente você estará dos nossos desafios.

Precisamos de mais aliados nessa revolução!

JAIR RIBEIRO, empresário, é co-coordenador da Associação Parceiros da Educação, ONG que promove a parceria entre escolas públicas e empresários.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 6/12/10
Assunto: Sem água o- MEC dá verba às escolas		Página: 27

**SEM ÁGUA
MEC dá verba às escolas**

Cerca de 300 entre as 834 escolas do ensino público que não têm água potável receberão R\$ 30 mil do Ministério da Educação (MEC). O dinheiro deverá ser utilizado para fazer a instalação ou a ampliação da rede hidráulica, perfuração de poços artesianos ou cisternas e aquisição de bombas elétricas.

Para isso, as secretarias de Educação devem enviar ao MEC até 10 de dezembro um termo de compromisso, preenchido e assinado, além de fotos do prédio da escola e das imediações. O repasse será feito pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) por meio do programa Dinheiro Direto na Escola.

Entre as 834 escolas do país que não têm abastecimento regular de água, segundo o Censo Escolar de 2009, o fundo identificou 299 que preenchem os pré-requisitos para receber o dinheiro. A maior parte dessas escolas está nas regiões Norte e Nordeste, especialmente na Bahia (109) e no Pará (83).

As informações para os gestores que querem receber os recursos e a relação das escolas selecionadas pelo programa estão disponíveis no site do FNDE, www.fnde.gov.br.

São Paulo

Clipping

CNTE

Por que ninguém lê direito no Brasil

› Data: 06/12/2010
› Veículo: ÉPOCA
› Editoria: SOCIEDADE
› Jornalista(s): Camila Guimarães
› Assunto principal: ENSINO FUNDAMENTAL
 ENSINO MÉDIO
 ENSINO SUPERIOR
 OUTROS

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte

O país nunca se sai bem na mais importante avaliação internacional de leitura. O que fazer para mudar essa realidade - em 40 anos

Camila Guimarães

A cada três anos, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês) compara o desempenho de alunos de 15 anos de diversos países em três áreas do conhecimento: leitura, ciências e matemática. Na próxima semana, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) vai divulgar como andam as habilidades de leitura dos jovens e até que ponto eles conseguem compreender um texto, localizar e associar informações, fazer um raciocínio lógico sobre elas e tirar conclusões. A prova foi realizada no ano passado por cerca de 50 mil alunos sorteados em 990 escolas públicas e particulares do país. A chance de o Brasil ficar bem colocado nesse ranking é diminuta. Em 2000, nossos alunos ficaram em último lugar. O país passou para a 37ª posição em 2003, entre 41 nações. Em 2006, ficou em 48º entre 56 participantes, com uma nota pior que a anterior. Não há motivos para esperar que no Pisa 2009 o Brasil consiga uma posição melhor.

Não é que não tenhamos feito alguns avanços - o maior deles foi a universalização do ensino fundamental. Mas estamos longe de uma educação de qualidade, que inclui inculcar nas pessoas o hábito da leitura e desenvolver nelas a capacidade de compreender textos complexos. Para atingir essa meta, a escola precisa avançar muito. Não só ela, a sociedade também. Em alguns dos países líderes do ranking, como Finlândia e Canadá, o hábito de leitura vem de casa. Os pais influenciam, incentivam progressos nessa área, dão exemplo para seus filhos ao gastar tempo e energia com atividades culturais. A estrutura no país também é precária. O Brasil tem uma biblioteca pública para cada 33 mil habitantes (quase 70% das escolas públicas nem sequer têm uma). O brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano. Nos Estados Unidos e na França são dez. Na Finlândia, o país que mais ganhou o Pisa, 21.

Isso leva a crer que não devemos esperar grandes melhoras na leitura de um Pisa para o outro, e sim de uma geração para a outra. Como fez a Coreia do Sul. Há 60 anos, o país tinha altos índices de analfabetismo e quase metade das crianças e jovens fora da escola. Eles instauraram uma reforma educacional há 40 anos, apostando na leitura como base. Bibliotecas exclusivas para crianças, financiadas por empresas e fundações, tomaram conta de Seul. Uma das maiores redes, a Crianças e Bibliotecas, surgiu da iniciativa de um grupo de mães, preocupadas com o futuro dos filhos. Em 2006, a Coreia tomou da Finlândia o primeiro lugar em leitura no Pisa.

O ponto inicial desse processo é a escola. Nossos colégios não estão preparados para formar leitores - sejam eles de clássicos da literatura, gibis, jornais ou blogs na internet. Dentro das salas, o desafio começa pelos professores. Sem formação adequada, eles têm de ensinar o que não sabem. "Para que o aluno aprenda a ler, o professor precisa dominar a técnica da leitura", afirma Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti, do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada e professora da Universidade Federal de Santa Catarina. "Mas poucos tiveram a oportunidade de desenvolver a habilidade de ler um contrato das Casas Bahia ou um poema de Drummond."

Quando os educadores não são eles próprios hábeis na interpretação de textos, pipocam projetos de leitura pouco eficientes. As rodas de leitura de livros literários, tão comuns em classes de qualquer idade, por exemplo. É claro que essa atividade é importante, especialmente para crianças, mas só ela não garante que o aluno entenda a questão de uma prova de matemática ou ciências, ou que se torne um bom leitor. Uma das maiores dificuldades é garantir que um leitor de conto de fadas se transforme em leitor de um texto de revista ou científico. Mas poucas escolas têm projetos de leitura para textos diferentes. "Uma criança que se dá bem lendo narrativas ou contos pode ser um desastre na hora de ler um texto informativo", afirma Débora Vaz, diretora do Colégio Castanheiras, de São Paulo. Lá, a leitura em sala de aula é feita com a mediação do professor e com prioridade para ensinar gêneros diferentes. "O aluno mais fraco tem problemas em identificar o tipo de texto que lê, qual é a mensagem que ele passa e para quem", diz Luís Junqueira, professor de português do 6º ano.

"A escola subestima a capacidade de leitura do jovem e não enxerga o leitor que ele é"

SIMONE ANDRÉ, do Instituto Ayrton Senna

A importância de ter habilidade de ler textos diferentes foi uma das principais razões de a Universidade de Campinas (Unicamp) mudar o formato da redação de seu vestibular. Neste ano, os candidatos a uma vaga na universidade tiveram de escrever três tipos de texto, de gêneros diferentes. "Errar o formato dos textos é mais grave que errar gramática", diz Renato Pedrosa, coordenador do vestibular. "Infelizmente, a maioria não domina a leitura. E só quem tem essa habilidade vai se dar bem na universidade."

Um dos tipos de leitura mais negligenciados pelos professores é justamente o mais cobrado em bons vestibulares ou pelo próprio Pisa: os enunciados informativos das questões. Por isso algumas escolas estão tirando a exclusividade do ensino da leitura dos professores de português - e dividindo a responsabilidade com o resto do corpo docente. Como fez uma escola pública de ensino médio americana, a Brockton, do Estado de Massachusetts. Seus alunos, oriundos de comunidades carentes, tinham um péssimo desempenho nas avaliações estaduais e altas taxas de evasão (problemas parecidos com os do ensino médio brasileiro). Há dez anos, um grupo de professores começou uma campanha para estimular a leitura e a escrita em todas as disciplinas. Nos últimos dois anos, a escola ficou entre as 10% melhores de seu Estado.

Pela falta de estímulos em casa, no Brasil as escolas ainda assumem a tarefa extra de tornar a leitura interessante, principalmente para os adolescentes. E de novo se mostram inábeis: limitam a oferta de leituras a obras clássicas, difíceis de digerir, e obrigatórias. "A escola subestima a capacidade de leitura do jovem e não enxerga que tipo de leitor ele é", diz Simone André, coordenadora da área de Educação Complementar e Juventude do Instituto Ayrton Senna, que trabalha com projetos de leitura em 200 escolas públicas de São Paulo. Na Finlândia não existe leitura obrigatória. Os alunos decidem com os professores quais livros vão ler e em quanto tempo.

Celso Renato Teixeira, diretor da escola estadual Luis Gonzaga Travassos, na periferia de São Paulo, descobriu em 2005 que seus alunos de 5a a 8a série gostavam de ler. Mas não o que a escola mandava. Um ano antes, quando chegou à escola, Teixeira deparou com um alto índice de analfabetismo funcional nas séries finais do ensino fundamental. Teve de dar prioridade a isso. Em seguida, pensou no projeto de leitura. Os alunos foram convidados a escolher na biblioteca da escola os livros de que mais gostavam. Na mesma época, a garotada visitou a Bienal do Livro em São Paulo e de novo os gostos pessoais ficaram perceptíveis. "A maioria escolheu livros que falavam sobre adolescência, namoro, relação com os pais", diz Teixeira.

Esses temas viraram iscas para os alunos. Aos poucos, a escola incentivou a passagem para outros tipos de leitura. Hoje, a biblioteca é abastecida com livros que os próprios alunos escolhem. Segundo Teixeira, alunos que antes não sabiam ler frases simples agora fazem resenhas dos livros - e os classificam com estrelas para recomendá-los aos colegas, em uma feira organizada toda semana. "Só entram os de quatro e cinco estrelas", afirma Teixeira. Em cinco anos, os empréstimos na biblioteca aumentaram 79% e o rendimento da Travassos aumentou 33% na avaliação estadual.

O esforço dentro das escolas não basta. É mais difícil seduzir os alunos se eles não encontram fora do colégio (em casa, entre os amigos, na biblioteca do bairro) o mesmo ambiente de estímulo ao conhecimento. Eles acabam vendo o livro como uma "coisa de escola". E, como a escola é uma obrigação, ler passa a ser considerado chato. Por isso, muitas escolas adotam projetos que envolvem os pais dos alunos. Há seis anos, a escola estadual Astor Vasques Lopes, em Itapetininga, interior de São Paulo, incluiu em seu projeto de leitura uma lição de casa para os pais. Os alunos do 1o ao 5o ano levam o livro para casa para ler junto com alguém da família. Pode ser o pai, a mãe, a avó. O importante é que quem leia faça um relatório sobre o livro, com suas impressões, e o mande para a professora. Com o filho matriculado na escola há pouco mais de um ano e meio, Roseli de Fátima Moreira diz que lê muito mais agora, depois de escrever relatórios e participar das rodas de leitura na escola. Ela diz ter comprado - e lido - por conta própria os dois primeiros livros da série Crepúsculo. "Eu me sinto mais estimulada."

Os três casos citados nesta reportagem mostram avanços. Mas são progressos pontuais. Não há garantia de continuidade, seja pela falta de recursos ou por uma possível troca no grupo de professores. Mesmo colégios de elite, particulares, sofrem com a ausência de uma cultura da sociedade que estimule as crianças e os jovens a ler. Por isso, o resultado do Pisa 2009 deve ser similar ao de 2006. Se fizermos tudo certo (investir nas escolas, valorizar os professores, aumentar a carga horária, fornecer livros e material...), poderemos melhorar essa nota nos próximos anos. E só assim daremos condições para que a próxima geração dê o salto de que o país precisa para entrar na sociedade do conhecimento.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Variedades	Data: 4/12/10
Assunto: Aulão-show		Página: 3

AULÃO-SHOW

Cantando para aprender

Banda de professores ensina Matemática, Química, Física, Geografia e Biologia

Hoje, 800 garotos e garotas de São José serão alunos de um aulão pré-vestibular no Centro Multiuso da cidade. E plateia de um show que une produção musical caprichada, figurinos, várias canções e conteúdo didático. Trata-se de um espetáculo de um “supergrupo docente”: o Educação.

Supergrupo porque, de certo modo, é a união de talentos que já encantavam os alunos antes mesmo de iniciar atividades, na metade do ano. Não é de hoje que usam a música para ensinar. A ideia de juntar esforços, inclusive, vinha sendo planejada desde o início de 2010. A banda de professores chega ao seu oitavo aulão.

E funciona a iniciativa dos professores Robinho (Química, voz e violão), Alan (Física, voz), João (Matemática, violão), Cabeça (Biologia, teclados, violão e guitarra), Diego (Química, violão, baixo e voz) e Marcelo (Geografia, bateria e percussão)? Pela reação entusiasmada da plateia cativa de seus locais de trabalho, os alunos do dia a dia, funciona bem demais. Professores são recebidos com empolgação. A sala toda canta junto, com a letra praticamente decorada.

Jorge Augusto Ludwig de Lima, 17 anos, aluno do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Gardner, destaca que a maneira diferente de aprender proporciona maior contato com a matéria.

– A aula fica dinâmica, deixa de ser meio chata – observa.

Morgana Welter, 15 anos, concorda.

– É bem melhor, mais animado, e a gente aprende mais – garante ela.

Não chega a ser aula de música. As canções são utilizadas como modo de fixar o conteúdo aprendido durante a aula “normal”. E também não é uma novidade – o método é utilizado com frequência, em várias salas de aula mundo afora. Mas o Educação conta ainda com complementos, como o aulão-show e o CD que traz as músicas e encarte com letras.

São todas conhecidas da molecada. Robocop Gay, dos Mamonas Assassinas, tornou-se O Movimento Eu Sei, uma autêntica lição de cinemática de autoria de Alan dos Santos, 28 anos. I Will Survive, aquela da Gloria Gaynor, tornou-se El Niño Vai, letra sobre condições meteorológicas composta por Marcelo. O professor João transformou Razões e Emoções, do NX Zero, em Razões e Proporções. Parece fácil escrever essas letras, mas não é.



– Se parar para querer escrever, é difícil. Normalmente é algo inusitado. Ocorre muitas vezes da gente escutar a música numa festa e perceber que ela serve direitinho para uma matéria – explica João Carlos Bez Batti, 25 anos.

Ensaio somente depois das aulas

Não só a composição é um desafio. Para conseguir produzir o aulão da tarde de hoje, foram necessárias muitas reuniões de planejamento, patrocínio, licenciamentos e autorizações. Ensaio ocorre em horários ingratos.

– Como damos aulas à noite, só conseguimos nos encontrar lá pelas 23h. O último ensaio foi até as 3h – recorda Robson Natan, 30 anos.

Mas o resultado, garantem, é recompensador.

Agende-se

O quê: aulão-show com o Educacção

Onde: Centro Multiuso de São José (Avenida Alcionny de Souza Filho s/nº – Beira Mar de São José)

Quando: hoje, a partir das 13h30min Ingresso: R\$ 30

rene.muller@diario.com.br

RENÊ MÜLLER

Leis de Newton Explica
Ritmo: Hey, Psiu, Beijo me Liga - de Michel Teló Letra: Dayvson Alan
Se um corpo deslocou, a força quem gerou a aceleração
Pra então conhecer, o ente responsável pela geração
Você vai ter que estudar as três leis tem que interpretar
Concentrar o estudo de mecânica
Pra gabaritar as questões de dinâmica
Hey, psiu, Leis de Newton explica
Eu quero compreender como a força se aplica
Se a força não agiu, a inércia então surgiu, é um estado natural
Força a aceleração, sentido e direção é Lei Fundamental
Se liga na definição, a Lei da Ação e Reação
Onde as forças têm mesmo valor com o sentido contrário
Agora escuta o professor
Razões e Proporções
Ritmo: Razões e Emoções – de NX Zero
Letra: João Carlos Bez Batti



Dizer, o que eu posso dizer
Se estou cantando agora pra você acertar no vestibla
Se a regra é inversa
É constante o produto das grandezas
Mas se for direta, a divisão que vai ser
Vai ser constante
Só quero que saiba
Entre razões proporções
A saída é fazer meios extremos
Faço cruzado mas se for inversa
Em linha reta vou multiplicar
Vou multiplicar



CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Região	Data: 06/12/10
Assunto: Trabalhos artesanais em exposição		Página: 14

Trabalhos artesanais em exposição

SÃO JOSÉ – Expor peças produzidas em aulas de bordado, crivo, patchwork, tapeçaria, arte aplicada, lingerie, macramê, pintura em porcelana e tela é uma oportunidade de renda às alunas dos cursos profissionalizantes oferecidos pela Secretaria de Educação de São José. No sábado, professoras, artesãs e comunidade participaram da abertura da 2ª Feira de Artesanato das Escolas Profissionais.

Integrantes dos oito núcleos de ensino dos cursos de corte e costura, cabeleireiro e manicure produziram um belo desfile de moda. Nas roupas, maquiagens e unhas, foi possível conferir um pouco da criatividade das mulheres.

“O objetivo principal é mostrar o que nossas alunas podem e sabem fazer. É uma vitrine para o trabalho delas e uma forma de trazer mais renda neste fim de ano. Muitas pessoas estão comprando presentes de Natal aqui na feira”, observa a secretária de Educação, Rosa Maria da Silva Schmidt.

SERVIÇO Evento vai até dia 9

- **O quê:** 2ª Feira de Artesanato das Escolas Profissionais de São José
- **Onde:** Centro Multiuso – Beira-mar de São José
- **Quando:** Até quinta-feira, dia 9, das 13 às 21h
- **Quanto:** Gratuito